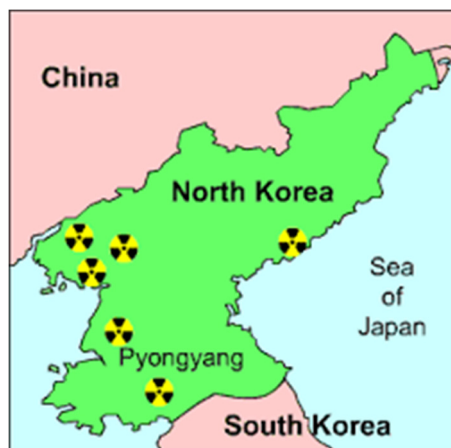


2017/09/12

Potência nuclear e um dos países mais pobres do mundo

Alexandre Reis Rodrigues

Há poucos países mais pobres do que a Coreia do Norte. Usando o critério "GDP per capita" são apenas cerca de 20, quase todos africanos. Muito estranhamente, isso não impede a Coreia do Norte de ser uma potência nuclear com mísseis balísticos intercontinentais, tendo percorrido um caminho que desafia tudo e todos.¹ Como é possível, interroga-se muita gente, mesmo sabendo da natureza do regime de ditadura radical que mantém a população num profundo isolamento internacional, que ignora os seus mais elementares direitos, que nega a integração económica do país e não atribui qualquer importância à continuada condenação internacional a que tem estado sujeita.



Percebe-se que em termos de investimento e acesso a tecnologias complexas – como requer a construção de um arsenal nuclear – as exigências, embora grandes, são menores do que se imagina. A tecnologia é antiga e de acesso fácil e os investimentos são "cumulativos" porque se trata de um sistema de armas que, ao contrário do que acontece frequentemente, não se tornou obsoleto. Não se está sempre a partir do zero para criar algo novo.

As dificuldades estão sobretudo na concretização, pelos obstáculos criados pela comunidade internacional na obtenção de determinados materiais, mas Pyongyang tem torneado essas restrições através de países amigos (inicialmente, com a ajuda de Abdul Kadeer Khan, o "pai" da bomba atômica paquistanesa que conseguiu manter uma rede clandestina de mercado nuclear durante cerca de vinte anos; presentemente, com o intercâmbio que faz com o Irão).

Condenações internacionais e sanções não são problema para a Coreia do Norte. Para um país que recusa integrar-se e aderir à globalização, as primeiras não contam, mesmo vindas das Nações Unidas. Muito menos se feitas a nível individual. Alguns países fazem-nas para consumo interno sem qualquer pretensão de efeito prático sobre o alvo. Talvez pudessem contar mais se, por exemplo no caso da União Europeia, fossem objeto de posição conjunta. Não foram, não se percebe porquê.

As sanções têm, regra geral, sido ineficazes e são facilmente torneáveis. Nem mesmo os países que mais condenam a Coreia do Norte conseguem ser, nesse campo, minimamente coerentes.² Um caso curioso que acontece na Alemanha exemplifica bem o problema. Ainda não foi possível impedir o funcionamento de um hostel em

¹ China, Índia e Paquistão, também potências nucleares, ainda que não possam ser designados por países ricos (em termos de GDP per capita) tem uma situação económica muito melhor. Na China, o GDP per capita é oito vezes mais alto, na Índia, quatro vezes e no Paquistão, três vezes.

² O México terá sido um dos países a ir mais longe. Não cortou relações diplomáticas mas expulsou o embaixador norte coreano, como forma de protesto contra o ensaio nuclear.

propriedade pertencente à embaixada da Coreia do Norte e de onde esta retira um lucro de cerca de 40.000 euros por mês. A prática repete-se, com mais ou menos variantes, por outros países, onde as representações diplomáticas são usadas para fins ilegais, em vários campos ligados ao crime organizado, que ajudam a financiar o regime.

As medidas que, no campo das sanções, poderiam resolver a situação não serão aprovadas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. Trump tenta proibir a exportação de petróleo para a Coreia do Norte e procura aprovação para um bloqueio naval para inspecionar toda a navegação destinada a portos norte coreanos, mas enfrenta a objeção da China e da Rússia. Estes não cederão a mais do que o mínimo necessário para tentar manter o assunto no âmbito do Conselho de Segurança.³ A Rússia está principalmente interessada em complicar os planos dos EUA. A China tem interesses próprios que dizem respeito à sua própria segurança. Embora Trump continue a referir o uso da opção militar, não é provável que venha a ser empregue, tal o impacto esperado na Coreia do Sul.

A manter-se esta situação, não resta aos EUA e ao mundo em geral senão preparem-se para conviver com mais uma potência nuclear, mas desta feita com um líder que se apresenta ao mundo como alguém irracional e insensato. Se já é ou não uma potência nuclear em todas as suas dimensões, nomeadamente na capacidade de miniaturização das ogivas e domínio da tecnologia da sua proteção na reentrada na atmosfera, deixou de interessar.⁴ Para efeitos de planeamento dos preparativos de defesa contra esta nova ameaça terá que se assumir que a capacidade existe sem limitações.⁵

Pequim tem conseguido fazer passar a imagem de que se opõe ao caminho seguido por Pyongyang e de que não faz mais apenas para evitar o caos na península coreana. Apresenta argumentos que aparentemente fazem sentido, mas talvez não tarde muito a perceber-se que há nesta posição muita mistificação. Os EUA provavelmente não o ignorarão, mas tem-lhes interessado tentar usar a posição da China para resolver o problema.

Que a China não o resolverá, parece-me cada vez mais evidente. Se tivesse querido, até o poderia ter evitado. Bastava-lhes ter garantido proteção, eventualmente estendendo o seu “guarda-chuva” nuclear ao território norte coreano, como fazem os EUA para evitar a proliferação. Não o fizeram. Preferiram deixar a Coreia do Norte entregue a si própria, sustentando a situação que melhor lhes serve os seus interesses estratégicos de segurança.

“Alimentando” o conflito coreano com os EUA, Pequim corre o risco de ter que se conformar com uma maior presença militar na área, mas torna extremamente remota qualquer possibilidade de a Coreia do Norte cair, um dia, na área de influência do ocidente. Isto é, garante que não perde o efeito de “buffer” que este país lhe proporciona. De outra forma, estaria a facilitar a reunificação – a última coisa que quer – e ficaria com um vizinho onde os EUA têm estacionado um contingente militar relativamente importante. Pequim não vai permitir que isso aconteça. A confirmar-se a Coreia do Norte como potência nuclear – que tudo indica já ser –, será mais por responsabilidade da China do que do regime coreano. O mundo, obviamente, ficará pior e o Presidente dos EUA mais fragilizado. Caiu no erro que tanto criticou ao seu antecessor. Estabelecer linhas vermelhas que não conseguiu fazer respeitar.

³ Ficou decidido ontem, no CSNU, que importação de petróleo sofrerá um corte de 30% e a exportação de têxteis fica proibida (1,3 mil milhões de prejuízos para Pyongyang).

⁴ Na verdade, nem sequer existe a certeza de que a Coreia do Norte tenha ensaiado a explosão de uma bomba de hidrogénio, como reclama Pyongyang.

⁵ A Coreia do Norte já efetuou 80 ensaios de lançamento de mísseis balísticos e seis testes nucleares (18 lançamentos de mísseis este ano e dois testes nucleares sob a presidência de Kim Jong UN).